

Saúde



NARIZ ENTUPIDO
Spray nasal provoca dependência?
Algumas versões podem causar efeito rebote: conheça as opções



POSSUI
MÚLTIPLOS
USOS
E BENEFÍCIOS
PARA
A SAÚDE

NOVA FRONTEIRA

Telemedicina cresce com integração no SUS, inteligência artificial e expansão na rede privada

BERNARDO LIMA
bernardolima@globo.com.br

Impulsionada pela pandemia, a telemedicina se firmou como uma alternativa viável no atendimento médico e vem crescendo no Brasil tanto entre as empresas privadas, com o uso de drones e inteligência artificial, quanto no Sistema Único de Saúde (SUS), que projeta investimentos e expansão na modalidade nos próximos anos. Mais de 30 milhões de atendimentos médicos foram feitos à distância no país em 2023, segundo dados da Federação Nacional de Saúde Suplementar (Fenasaúde), que reúne 14 grupos de operadoras de planos de saúde. O número é 172% maior que os 11 milhões de consultas remotas de 2020 até o final de 2022.

A praticidade é um dos fatores que estimulam a prática, regulamentada pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) em 2022. O ortopedista Isaias Chaves, por exemplo, atende pacientes de sua clínica em Brasília por teleconsultas às terças-feiras. Ele conta como funciona o processo: o paciente entra em contato com a equipe de marcação, manda exames prévios e responde um formulário referente ao tratamento, que é avaliado pelo especialista. A consulta então é realizada em seguida.

Para Chaves, a teleconsulta é uma alternativa viável para o primeiro contato com o paciente, mas precisa ser usada com prudência, pois ainda não é capaz de substituir todas as fases do atendimento.

—O exame físico eu ainda não consigo fazer à distância. Mas no caso da ortopedia, que é algo bem mecânico, eu falo: "O senhor consegue cortar as unhas dos pés?", então existem movimentos que simulam o exame físico que eu faço. Claro, eu não consigo indicar uma cirurgia com 100% de certeza à distância.



A aposentada Maria Vitoria Chaves, de 70 anos, diz que começou a ser atendida por telemedicina durante a pandemia e manteve as consultas remotas mesmo após o fim do período de distanciamento social.

—É mais simples. Tem coisa que eu tenho que fazer presencial, mas o que não precisa eu faço pelo celular mesmo. No início eu tive que ter ajuda da minha filha, mas hoje consigo me virar sozinha.

No aspecto mais amplo, o atendimento remoto vem sendo usado pelo governo federal para aumentar o acesso da população à saúde principalmente nas regiões distantes dos grandes centros. Há previsão de R\$ 150 milhões para a compra de três mil equipamentos multimídia para teleconsulta e instalação de 52 novos núcleos de Tele-saúde no país —hoje, são 24. Segundo o ministério, em 2023 as estruturas atenderam 1,2 mil municípios com eletrocardiogramas realizados à distância, com uma média de

Q A telemedicina é um acréscimo ao atendimento presencial. Melhora o acesso, o acompanhamento e a continuidade do cuidado do paciente

Ana Estela Haddad, secretária de Saúde Digital

Q É mais simples. O que não precisa ser presencial eu faço pelo celular mesmo

Maria Chaves, aposentada

6 mil laudos por dia. Ao todo, o Ministério da Saúde pretende destinar R\$ 464 milhões neste ano para que estados e municípios façam essa transição para o meio digital.

—A tele-saúde é um acréscimo ao atendimento presencial. Melhora o acesso, o acompanhamento e a continuidade do cuidado que você pode fazer do paciente, além de ajudar na gestão da fila —explica a secretária de Saúde Digital, Ana Estela Haddad.

SETOR PRIVADO

Os planos de saúde também se adaptaram à demanda e passaram a oferecer opções mais baratas com atendimento de profissionais de áreas diagnósticas e serviços especializados na telemedicina. É o caso da rede de clínicas Amparo Saúde, que usa inteligência artificial para prever o risco de internação de clientes e drones que entregam e buscam materiais de exames na casa de pacientes.

—A depender da região e da

unidade, temos até 70% de consultas remotas —diz Leonardo Abreu, coordenador médico da Amparo Saúde, ressaltando que é necessário investir na padronização: —Quando falamos de todo o treinamento que temos na faculdade, é preciso que seja ensinado como isso deve ser feito através de uma tela, como seguir uma ética adequada... É tudo muito novo.

Nova no Brasil, a telemedicina já é amplamente difundida em diversos países do mundo. Os Estados Unidos, por exemplo, liberaram as receitas digitais em 2007, e a regulação é feita em nível estadual. Por isso, todo médico que atende por telemedicina precisa ser licenciado no estado em que o paciente está. A pandemia também popularizou o serviço entre os americanos. Um estudo da organização sem fins lucrativos Kaiser Family Foundation, mostra que 98% dos planos de saúde americanos ofereciam telemedicina em 2022.

O Japão, por sua vez, vem transformando a telemedicina em uma estratégia de saúde pública. O Ministério da Saúde japonês implantou serviços de medicina à distância em mais de dois mil hospitais e clínicas em todo o país, onde a prática é usada principalmente para tratamento de doenças crônicas, apoio em atendimentos de emergência e para consultas remotas em regiões afastadas.

O Reino Unido também integra a telemedicina em seu sistema público de saúde. O NHS —que inspirou a criação do SUS no Brasil— usa um aplicativo chamado Cera, que usa inteligência artificial para prevenir hospitalizações. O sistema faz análise de dados dos pacientes e para fazer diagnósticos e prever quantos estão sob risco iminente de uma hospitalização. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a telemedicina já estava presente em seus 53 países na Europa em 2023.

Mais perto. Telemedicina já é frequente em diversos países desenvolvidos

CIÊNCIA

Netflix Pasternak
Iniciadora do projeto de DNA, pasternak@cienciahoje.org.br
Ciência Hoje e a Rede de Comunicação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



Gripe da vaca?

Existe uma versão ("cepa") do vírus da gripe, a H5N1, que vem sendo detectada desde 2020 em aves migratórias na Ásia, África e Europa. Vírus da gripe volta e meia causam surtos, quando saíam de um animal selvagem ou doméstico para humanos, e se tornam extremamente preocupantes quando conseguem se transmitir de um ser humano para outro, sem intermediários.

Foi assim que aconteceram a famosa gripe aviária de 1997 e a gripe suína de 2009. A transição entre animal selvagem, animal

doméstico (geralmente, animais de criação), e ser humano é complexa. Envolve a probabilidade de, a cada etapa, haver uma mutação que permita a adaptação do vírus à próxima espécie da cadeia. Também requer que o vírus tenha a "sorte" de adquirir capacidade de se replicar com eficiência nas células do novo hospedeiro, e de se transmitir entre indivíduos da mesma espécie.

É como um jogo de dados, em que o número certo precisa sair antes que o vírus passe para a próxima etapa. No caso do H5N1 observado desde 2020, isso ainda não aconteceu. A chance de o vírus infectar e se transmitir entre humanos segue muito baixa. Mas os dados continuam a rolar. Se não há razão para pânico, certamente há motivos para preocupação e investimento em vigilância.

Em 2021, o H5N1 chegou à América do Norte, e em 2022 à América do Sul. Desde 2022, o vírus tem sido detectado em manifestações marinhas, pequenos carnívoros silvestres e cães e gatos domésticos. Também há relatos do vírus em aves de criação, e em criações de vinhos na Espanha e Finlândia, com evidências de transmissão de animal para animal.

Recentemente, o H5N1 foi detectado em gado de leite nos EUA. Relatório dos Cen-

tros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) aponta material genético do vírus em 34 rebanhos. Isso não quer dizer que existam vírus viáveis no leite, e que alguém poderia se contaminar. O leite passa por um processo de pasteurização antes de chegar ao consumidor, que elimina o vírus viável.

Encontrar o H5N1 no gado não é preocupação urgente para a saúde humana, mas precisa ser encarado com seriedade

Restam apenas vestígios, que podem ser detectados. O teste positivo indica que o vírus esteve ali. Isso é importante para vigilância epidemiológica. Sequenciando as amostras, pode-se tentar reconstruir o caminho do vírus, e entender como ele chegou ao gado. Também ajuda a descobrir se há transmissão entre o gado, ou se as diversas contaminações foram eventos isolados.

Transmissão entre mamíferos acende um sinal de alerta, pois indica que algumas etapas já teriam sido vencidas ao longo do caminho que pode levar à infecção em humanos. Por enquanto, as evidências disso são limitadas. Relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta que alguns das 34 rebanhos receberam vacas já contaminadas.

Desde 2021, a OMS registrou 28 casos de H5N1 em humanos, reportados da China, Chile, Equador, EUA, Espanha, Reino Unido e Irlanda do Norte. Alguns foram severos, e houve uma morte. Todos ocorreram em pessoas que tiveram contato prévio com animais de criação ou silvestres, sem evidência de transmissão entre humanos. Em 2023, casos foram reportados no Camboja e Vietnã, em pessoas também com contato prévio com animais.

Encontrar o H5N1 no gado de leite não é preocupação urgente para a saúde humana, mas é algo que precisa ser encarado com seriedade. É necessário investir em vigilância, testagem e campanhas de conscientização e uso correto de equipamentos de proteção para manuseio de animais de criação. Também é necessário investir em adaptar a vacina da gripe para esta cepa, ou desenvolver novas vacinas, o que já está sendo feito, segundo o CDC. Pouco provável não é sinônimo de impossível. E não se deve negligenciar algo que vem causando consequências ecológicas graves pelo mundo, como a mortalidade alarmante de elefantes marinhos na Argentina, causada pelo vírus em janeiro.